

De Risu, de Quintiliano: O riso na Oratória

De Risu, by Quintilian: Laughter in Oratory

Fernanda Santos*
Universidade Federal do Amapá - Unifap

RESUMO: Este artigo procura abordar o riso no terceiro capítulo do livro VI da *Instituição Oratória*, de Marco Fábio Quintiliano, denominado *De risu*, que trata de aspectos da utilização do riso no discurso oratório. Citando a obra de Marco Túlio Cícero, *De oratore*, no livro II (§§ 216-291) *De ridiculis*, Quintiliano procura explicar o empreendimento da arte do riso na Oratória. Ainda que não havendo um conjunto de regras pré-estabelecido, o riso funciona, segundo os autores, nos embates, nos momentos em que o orador necessita de mais agudeza e engenho na sua argumentação. Autores como Ivan Júnior (2008, p. 17) afirmam não haver uma categorização cabal e definitiva do riso, nas obras de Cícero e de Quintiliano, dado que a matéria é flexível e aprendida pela prática e pelos exemplos, mas ambos os autores colocam o riso como ponto de apoio fundamental no âmbito da Retórica. Quintiliano acrescenta, nas suas reflexões, o uso do riso com moderação, nos discursos do orador.

PALAVRAS-CHAVE: Marco Fábio Quintiliano - *De risu*. Riso e Oratória. Marco Túlio Cícero - *De oratore*. Riso e Retórica.

ABSTRACT: This article discusses laughter in the third chapter of book VI of the *On the Education of the Orator*, by Quintilian, named *De risu*, which deals with aspects of the use of laughter in oratory. Citing the work of Cicero, *De oratore*, specifically book II (§§ 216-291), also known as *De ridiculis*, Quintilian seeks to explain the employment of the art of laughter in Oratory. Although there is no pre-established set of rules, laughter works, according to the authors, in discourse battles, mainly at times when the speaker needs more wit and ingenuity in his argument. Authors such as Ivan Júnior (2008, p. 17) claim that there is no complete and definitive categorization of laughter in the works of Cicero and Quintilian, given that the topic is flexible and learned by practice and examples, but both authors put laughter as a key foothold within Rhetorics. Quintilian prescribes, in his work, the use of laughter with moderation in speeches.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

KEYWORDS: Quintilian - *De risu*. Laughter and Oratory. Cicero - *De oratore*. Laughter and Rhetoric.

Introdução

Aristóteles é o autor que concilia o fenômeno do riso com a Retórica, ainda que Platão coloque alguns aspectos do riso em *Filebo* (48c-50b). *Filebo* começa com uma discussão sobre o prazer, da qual participam Sócrates e o próprio Filebo. Quando Protarco substitui Filebo como interlocutor de Sócrates, a discussão passa à natureza do Bem. Para Sócrates, a afeição espiritual¹ compõe-se de uma mistura de prazer e dor (ALBERTI, 1999, p. 41). Lembrando a Protarco o choro provocado pelos espetáculos trágicos, ele evoca “o estado de alma em que nos colocam as comédias [...], que é também uma mistura entre dor e prazer”. Assim, para compreender a questão do riso, é preciso passar pela comédia. Apesar da sua utilidade, a comédia tem uma natureza controversa, obrigando a que a sua transmissão e representação sejam vigiadas, conforme Vicente Ordóñez Roig nos indica:

101

As almas dos jovens não são suficientemente fortes para suportar a seriedade (Leg. 659 e), adverte Platão; e este é, certamente, um dos pontos a favor para que a comédia tenha um eco na cidade, mesmo que seja de forma inocente e superficial. Recordemos que para Platão, a elaboração de composições cômicas deve recair nos escravos e nos estrangeiros assalariados, não nos cidadãos livres (Leg. 816 e). Tampouco estes, os livres, devem aprender as imitações cômicas, senão que continuamente se deve representar alguma comédia nova para que nada chegue nunca a saber-se de memória. Estas comédias serão supervisionadas pelo encarregado de educação das crianças e jovens [...] (ORDÓÑEZ ROIG, 2012, p. 156, tradução minha).

Pode-se dizer que o tom principal da questão do riso em Platão reside na condenação moral tanto do risível como daquele que ri. O primeiro, porque não

¹ Platão caracteriza, em *Filebo*, os prazeres falsos como afeições mistas - misturas de prazer e dor - divididas em 3 categorias: corporais, semicorporais e semi-espirituais e as puramente espirituais.

obedece à inscrição do oráculo de Delfos e desconhece a si mesmo, traindo, assim, a normativa principal de “Conhece-te a ti mesmo”; o outro, porque experimenta o vício da inveja (o invejoso se regozija com os infortúnios alheios) (ALBERTI, 1999, p. 42). Assim, para Platão, os prazeres do riso seriam falsos, conhecidos pela multidão medíocre de homens privados da razão (MIOTTI, 2010, p. 20).

No *corpus aristotelicum* há poucas ocorrências do termo “riso”, bem como das suas formas adjetivada e verbal. Ademais, não podemos contar em Aristóteles com uma definição do riso ou ao menos com uma explicação fisiológica mais detalhada, nem sequer o riso parece assumir em algum momento um valor de destaque em seu pensamento ético-moral. Entretanto, apesar da ausência de uma investigação empreendida pelo próprio Estagirita do tema em questão, bastante conhecida é a afirmação do filósofo de que, dentre os animais, o único que ri é o humano. Ora, somente essa asserção parece-nos suficiente para tornar relevante um exame mais cuidadoso do riso em Aristóteles, afinal, ainda que o riso não defina o humano, certamente é algo próprio do humano que possibilita o riso (PEIXOTO, 2014, p. 106). No entanto, é em um contexto de um tratado de biologia, no *De partibus animalium*, que o riso é mencionado indiretamente, quando o Estagirita afirma que o diafragma experimenta uma sensação de cócegas em razão de um certo aquecimento (PA, III, 10, 673a, 2-4). Segundo o filósofo, o diafragma tem a função de separar a região do coração ou o princípio da alma sensível (PA, III, 10, 672b, 16-17). A explicação continua, do ponto de vista fisiológico:

O que prova que, quando ele recebe calor, o diafragma manifesta assim que ele experimenta uma sensação, é o que se passa no riso. Com efeito, se fazemos cócegas em alguém, ele se põe a rir logo em seguida, porque o movimento ganha rapidamente essa região, e mesmo se o movimento a esquenta levemente, o efeito é sensível, e o pensamento se põe em movimento contra a vontade. Se o homem é o único animal passível de cócegas, isso vem, primeiro, da finura de sua pele, mas também do fato de que ele é o único animal que ri (PA, III, 10, 637a).

Verena Alberti (1995, p. 8) observa, também, que as descrições aristotélicas da função fisiológica do diafragma no riso são bastante detalhadas:

Para Aristóteles, o diafragma separa o alto e o baixo do animal e isola assim o coração e o pulmão do abdômen, protegendo-os da exalação e do excesso de calor desprendidos dos alimentos. Ele funciona como uma espécie de barragem entre a parte nobre (cabeça, pulmões, coração) e a parte menos nobre (abdômen, fígado, baço, vesícula etc.) em todos os animais em que é possível separar o alto do baixo. Porque o humor quente e excrementício exalado pelas partes adventícias ao diafragma traz uma perturbação manifesta ao raciocínio e à sensibilidade, continua Aristóteles, alguns autores chamam o diafragma de centro frênico (do pensamento). Convém esclarecer que os radicais gregos *phrén* e *phrénos* remetem tanto ao diafragma - como em "frenite" - quanto ao pensamento - como em "frenologia". Nota-se que a posição mediana do diafragma lhe confere um estatuto particularmente importante, pois ele encerra as especificidades do alto (do pensamento, da sensibilidade) e do baixo (uma vez que atrai os humores exalados pela atividade digestiva).

De todo o modo, ainda que a discussão sobre o riso não apareça sistematizada, na obra de Aristóteles, o humor ganha o estatuto de agradável e útil. Na *Poética*, por exemplo, encontramos diversas menções ao cômico, mas apenas na obra *Retórica* se precisam algumas ideias acerca do papel do orador na produção do riso.

No terceiro livro da *Retórica*, Aristóteles refere-se à troca de letras em uma palavra e à troca de palavras em um verso como recursos cômicos, algo que os autores latinos utilizarão, constantemente. Na mesma obra, Aristóteles menciona o fato de o emprego do risível no discurso tornar o júri benevolente, abatendo e enfraquecendo o adversário, além de mostrar que o orador é homem culto e urbano, capaz de driblar a tristeza ou de dissipar acusações desagradáveis. Em suma, a discussão sobre o humor realizada na *Retórica* está no contexto das paixões e do uso favorável que se pode fazer delas.

Para Aristóteles, são necessários uma boa educação e refinamento na percepção do que é risível, do mesmo modo que se deve saber ser engraçado sem perder o tom no uso das palavras e nas ações no convívio social adequado

a um homem livre. Assim, o bom humor é como uma mediania em relação à bufonaria e à rusticidade, bem como uma medida certa da capacidade de rir e provocar o riso (PEIXOTO, 2014, p. 110).

As teorias de Cícero e Quintiliano são, provavelmente, os primeiros textos sistemáticos sobre o riso e o risível, no pensamento ocidental. Cícero e Quintiliano dedicam um capítulo inteiro das suas obras de retórica ao *ridiculum* (ALBERTI, 1999, p. 56). Não são claros os motivos que levam os autores a considerarem o riso como objeto específico no ensino da arte da Retórica, mas Charlene Miotti (p. 24) postula, a esse propósito, a possibilidade de o riso se ter tornado objeto junto com a importância do papel do orador. A propósito da *Retórica*, vale notar que na obra *Górgias*, de Platão, registra-se, pela primeira vez, o termo “retórica”. Apesar das formulações de Platão contra os sofistas e a sua pedagogia, a Retórica não deixou de ser ensinada a Aristóteles. Os preceitos retóricos por este formulados estão explanados na sua obra *Retórica*, dividida em três livros, escritos em momentos distintos (entre 350 a.C. e 335 a.C.). A obra se ocupa da arte de comunicação em público, com fins persuasivos. Já o outro tratado do filósofo sobre a elaboração do discurso, a *Poética*, se ocupa da arte da evocação imaginária, do discurso com fins essencialmente poéticos e literários.

A primeira obra sobre esta questão é *Retórica a Herênio*, que surge entre 86 e 82 a.C., sem autoria conhecida (FREITAS, 2014, p. 234). Também é de referenciar, da mesma época, a obra *De Inventione*, de Cícero, consistindo num manual de Retórica em dois livros deixados incompletos. Para Cícero, a Oratória deve contemplar o conhecimento de História, Direito e Filosofia, além de aspectos da tradição retórica, como o estudo das emoções do público e o funcionamento do humor (SCATOLIN, 2016, p. 178).

De oratore/Do orador, de Cícero (De or., II, 216-291): res et uerba

Cícero sintetiza o saber da sua época sobre o humor, discutindo uma ampla gama de conceitos teóricos, o que faz dele um verdadeiro conhecedor das formas de fazer rir, incluindo as mais indevidas. O exemplo mais evidente de riso inapropriado está na obra *Pro Cluentio*, comparada a uma comédia, já que faz extenso uso do humor bufonesco.

No texto *De oratore* (II, 216-291), podem distinguir-se duas partes principais. Na primeira discute-se a possibilidade de elaborar ou não uma arte do riso e se encontram a maioria das observações teóricas, ainda que algumas apareçam ao longo do texto. Esta parte se estende dos parágrafos 216 ao 248.

A segunda parte começa a partir do parágrafo 249 e é uma enumeração dos “gêneros do risível”, ou seja, um catálogo de figuras e recursos retóricos. Aí vem enunciada uma teoria do riso. O riso é uma capacidade natural e inerente, para Cícero, e é uma arte que pode ser aprendida de forma exitosa. Mais do que uma arte que deve ser aprendida, o riso é um fenômeno extremamente complexo de abordar (§ 217).

Na primeira parte, Cícero trata de cinco questões fundamentais, avançando da questão mais geral para o particular. 1) o que é o riso; 2) o que é o ridículo e quais as fontes ou tópicos que o provocam; 3) se é próprio do orador provocar riso; 4) o decoro que deve guardar o orador; 5) os gêneros do risível (§ 235).

Em *De oratore*, o uso do engenho está exposto por Júlio César Estrabão, no livro II. Estrabão é apresentado como um orador experiente, mestre no uso do *ridiculum*. É ele quem introduz as perguntas que norteiam a investigação de Cícero² (De or. II, 235):

² Para o livro II do *De oratore* (*De ridiculis*), de Cícero, usou-se a tradução de Ivan Neves Marques Júnior (2008), citada nas Referências.

E para não vos demorar por muito tempo, exporei muito sucintamente aquilo que penso a respeito deste assunto. A respeito do riso há cinco coisas que devem ser perguntadas. Primeira: o que é o riso; segunda: onde é encontrado; terceira: se é próprio do orador querer provocar o riso; quarta: até que ponto o orador pode utilizá-lo; quinta: quais são os gêneros do riso (§ 235).

Na primeira destas questões, o riso é apresentado como uma reação violenta que se apodera do corpo. Cícero é o primeiro a notar com clareza a distinção entre o riso como um fenômeno corporal daquilo que o provoca - o humor. A segunda questão é a definição de ridículo, para Cícero. O paradoxo fica evidente, no sentido em que o riso por um lado deve ser torpe, mas por outro, o comediante deve ser alguém capaz e inteligente, detentor de agudeza e engenho.

A novidade de Cícero reside no fato de fazer uma larga enumeração dos usos do humor, dentre os quais atacar os adversários (§ 229). Desta abundância dos usos práticos derivam os valores retóricos em que o humor se efetiva, como a *captatio benevolentiae*, *acuitas*, *movere*, *disputatio* e *delectare*.

Na quarta questão, Cícero descreve os limites que o orador deve seguir se não quiser, ele mesmo, cair no ridículo e perder, assim, a sua credibilidade. Toda a matéria do risível passa, assim, por um estreito filtro, elegendo o bom orador como aquele que segue as preceptivas dos antigos filósofos, mas que sabe, também, quais os gostos do senado romano.

Cícero distingue ainda o humor apropriado do inapropriado, concluindo que nem tudo o que é risível (*ridícula*) é chistoso (*faceta*) (§ 251). O ridículo é a comicidade entendida com um sentido mais amplo, que pode dizer não aos limites. Por outro lado, a facécia é a comicidade empregue com um determinado propósito e cheia de dignidade, que se subjugue aos limites morais, decorosos, urbanos, de bom gosto e próprio dos oradores (RUIZ, 2015, p. 21-25).

A questão dos limites do riso, em Cícero, é extremamente importante. A obra *De oratore* traz limites de cariz ético e pragmático (§ 229). Cícero recomenda, assim, que se atenda a três aspectos fundamentais: aos homens, ao assunto e ao seu tempo. Atender aos homens significa não zombar de alguém de forma a machucá-lo - o que pode resultar em algo contraproducente. No geral, ele considera que não se deve zombar das altas esferas (como juízes), visto que detêm poder sobre nós. Não se cita, todavia, qual o tempo exato para dizer uma piada - já que sabê-lo é uma qualidade natural -, mas a piada deve ser adequada à situação e não deve ser dita todo o tempo (§ 237; 247). Quintiliano vai retomar essa ideia, quando afirma:

Além de tudo, quero que o orador se expresse com polidez; não quero, porém, de forma alguma que disso dê apenas impressão. Por isso, sempre que puder, não dirá sequer um dito espirituoso, pois por vezes é preferível perder tal dito espirituoso a ver diminuída a própria autoridade. / Mas ninguém atacará o acusador que brinca em situação muito difícil ou o advogado que pede clemência com jocosidade. Existem também certos juízes sisudos demais para se deixarem levar ao riso (§§ 30-31).

Entre outras recomendações, não se deve ser “insulso” (§ 239), “ofensivo” (§ 247) nem “obsceno” (§ 242). Todas as formas inapropriadas de provocar riso não convêm ao orador porque menosprezam a sua urbanidade, civilidade e colocam em causa a sua credibilidade (RUIZ, 2015, p. 26). O objetivo do orador não é parecer divertido, mas sim conseguir, através do riso, um benefício mais alto, o de persuadir o ouvinte (vide §§ 239; 242; 224-247; 250-251; 259 e 274).

A primeira regra, segundo César Estrabão, é a circunspeção em relação às afecções da vítima: o ataque às pessoas que lhe são caras deve ser evitado (advertência mantida por Quintiliano). A segunda diz respeito aos assuntos dos quais se pode fazer troça sem perder autoridade: os que não excitam nem um grande horror (*odio*) nem uma grande piedade (*misericordia*). Sobre essa recomendação, Alberti (1999, p. 58) afirma que as instruções que procuram limitar o emprego do risível no discurso coincidem com o que é legítimo para a

arte retórica em geral. Se as circunstâncias foram observadas com acuidade pelo orador, ele pode usar o riso para cativar o público e ganhar a causa.

Ainda quanto às circunstâncias, Cícero é o primeiro a observar que o jocoso e o sério compartilham as mesmas fontes. A divisão das categorias dos risíveis para Cícero, retomando a quinta questão de César Estrabão, é também dúplice, em ações e palavras (*res et uerba*). Para a primeira, podem-se identificar por volta de vinte espécies de risível - todos os procedimentos que não extraem seu caráter cômico das palavras utilizadas, por exemplo: a imitação (dos gestos, da voz e da postura do adversário), a ingenuidade fingida e a ironia. Para a segunda categoria, oito gêneros são citados, entre eles: a metáfora, a antítese, as palavras com duplo sentido, a alteração ligeira de palavras ou versos e até a compreensão de uma palavra de forma literal (MIOTTI, 2010, p. 25-26).

De risu/ Sobre o riso, Quintiliano (Inst. Orat., VI, 3, 1-112): ridiculum

O riso, em *Instituição oratória*, é visto com mais circunspeção e desconfiança. Quintiliano consagra duas vezes menos espaço do que Cícero e exprime muitos temores sobre o assunto: o riso é suspeito e destruturador; fomenta a desordem, é perigoso para o poder, faz perder a dignidade e a autoridade. Nas palavras de Georges Minois (2003, p. 108) sobre a obra de Quintiliano, “O riso é perturbador, mais ou menos demoníaco, inexplicável, misterioso, incontrolável.” Quintiliano defende, ainda, o seu uso com parcimônia, já que é um instrumento de controle poderoso. Prudência e reserva são fundamentais. Minois (2003, p. 109) analisa, ainda, o fator histórico no uso do riso, no mundo romano:

A trajetória do riso no mundo romano é de uma degradação progressiva, que vai do *risus* vigoroso e multiforme dos primeiros

séculos da República a uma pluralidade de risos socialmente distintos. Nos círculos dirigentes e na elite intelectual, prevalece uma concepção agora negativa: o poder desconfia do riso; ele vigia as expressões subversivas em festas e comédias; nas classes superiores, deve ser utilizado apenas com parcimônia, sob forma muito apurada, cada vez mais artificial e amaneirada.

Os ensinamentos de Quintiliano são apresentados, em *Instituição Oratória*, em uma sequência que respeita a progressão natural do aprendizado. Nos primeiros livros, ele se dirige aos pais ou preceptores, responsáveis pela educação da criança em casa, enquanto nos últimos ele fala diretamente ao orador experiente. A *Instituição Oratória* atende a uma relação com a tradição retórica da formação de um bom orador. As cinco etapas de elaboração do discurso fazem parte do sistema da Retórica antiga: *inuentio* (encontrar a matéria e os argumentos); *dispositio* (organizar o que foi encontrado); *elocutio* (expressão linguística dos pensamentos); *memoria* (conhecer de cor as palavras a serem usadas); *actio* ou *pronuntiatio* (gestos e dicção ao pronunciar o discurso).

Note-se, a este propósito, que em *Retórica a Herênio* (1, 4, 3, 1-11), as partes da Oratória são seis: exórdio (*exordium*), narração (*narratio*), divisão (*divisio*), confirmação (*confirmatio*), refutação (*refutatio*) e conclusão (*conclusio*). Cícero, em *Do orador* (2, 79, 8-11), adota uma organização que segue a estrutura imposta pelas tarefas do orador. Além das seis partes, adota uma sétima, a digressão (*digressio*).

Após a exposição, nos livros anteriores, da teoria do exórdio, da proposição, da narração e da confirmação, ele se ocupa no livro VI da peroração (primeiro capítulo), dos afetos (segundo), do riso (terceiro), da altercação (quarto) e finalmente do juízo e do conselho (quinto). O livro VI corresponderia ao penúltimo dos livros dedicados à *inuentio* e à *dispositio*, segundo o planejamento anunciado pelo autor. No entanto, é curioso notar que boa parte das recomendações encontradas ali dizem respeito precisamente à *elocutio* e à *pronuntiatio* (§§ 26, 29, 30, 33, 36 etc.), já que o riso se baseia primordialmente

na ocasião (§ 11) e é imprescindível que o orador esteja preparado para agir de improviso (MIOTTI, 2010, p. 30).

Inicia, assim, o capítulo 3 do livro VI dizendo que a função do riso é afastar o espírito dos fatos e dar descanso “ao aborrecimento e à fadiga” (§ 1). Tendo em conta os aspectos conturbados da vida pessoal de Quintiliano, como a morte da esposa e do filho primogênito, não seria de admirar que o autor apostasse numa forma de combater o desânimo, no âmbito do seu objeto principal: a formação de um bom orador.

O capítulo do riso está estruturado em três grandes partes: exposição introdutória do problema (§§ 1-21), desenvolvimento do tema acompanhado de exemplos (§§ 22-102) e concentração sobre um tipo específico de engenhosidade: a *urbanitas* (§§ 102-112), qualidade do homem civilizado, urbano, versado em boas maneiras e cortesia. O capítulo começa com o reconhecimento das vantagens de suscitar o riso e da dificuldade na realização dessa prática (§§ 1-6).

Quintiliano, assim como Cícero, assume ser impossível definir o riso. Já nos primeiros parágrafos vemos algumas asserções que revelam a particularidade do objeto:

No entanto, o assunto apresenta uma dificuldade maior, em primeiro lugar, uma vez que o dito ridículo geralmente é falso (sempre de pequena honorabilidade), muitas vezes depravado de propósito e, além disso, nunca dignificante. Em consequência, variadas são as reações das pessoas, pelo fato de que se julga não por algum motivo lógico, mas talvez por algum movimento insondável do espírito que desconheço (§ 6).

Na sequência do texto são elencadas considerações de caráter geral: fonte e sede do riso (§§ 6-8), sua força e eficácia (§§ 8-10), prevalectimento da disposição natural e da ocasião na prática das facécias (§§ 11-16), as várias denominações no âmbito do ridículo: *urbanitas*, *uenustus*, *salsus*, *facetus*,

iocus, dicacitas (§§ 17-21). Note-se, a este propósito, a defesa que Quintiliano faz da ponderação e parcimônia no uso do riso, mas ao mesmo tempo da *captatio benevolentiae* do ouvinte:

Portanto, será salgado aquilo que não for insulso, como um simples tempero do discurso, que é percebido pelo significado subjacente como que pelo paladar: reanima e afasta o discurso do tédio. Ora, o sal, como o espalhado nos alimentos em quantidade um pouco maior, desde que não seja com exagero, acrescenta-lhes algo de um prazer característico, assim também os que aplicam algum sal ao discurso fazem com que tenhamos sede de ouvir (§ 19).

A partir do parágrafo 22, encontramos um tratamento mais específico do assunto, começando pela indicação da primeira divisão do ridículo: em palavras e ações - embora o uso seja tríplice, já que o riso é extraído ou de outros, ou de nós mesmos ou de coisas cotidianas (§§ 22-24). Conforme Miotti (2010, p. 32):

Reconhecendo ser complexo o treinamento para a produção de um tipo de humor requintado e oportuno, principalmente pelo caráter um tanto imprevisível da reação coletiva do público e que o orador precisa antecipar, Quintiliano inaugura essa tríplice classificação que o distingue de todos os que o precederam.

A aparência e a gesticulação são igualmente importantes para o orador, para que não revele, imediatamente, a estratégia para cativar o ouvinte: “nada há de mais sem sal do que o que é dito como salgado” (§ 26). A partir daí se desenvolve uma terceira distinção: o ridículo criado a partir do que fazemos (§§ 25-26) ou dizemos (§§ 27-35). Notem-se as noções da dicotomia *res et uerba*. À segunda dessas duas categorias é dedicado maior espaço do que à primeira, afinal o orador se caracteriza pelo uso da palavra: são levantadas características e limitações dos *dicta* (§§ 27-28), e vêm elencadas as cinco questões-chave que devem ser consideradas: *quis dicat* (§§ 29-30), *in qua causa* (§ 31), *apud quem* (§ 31), *in quem* (§ 32), *quid dicat* (§§ 33-35), ou seja, quem faz o discurso, a favor de que causa, na presença de quem, contra quem e o que se diz. Para cada uma dessas perguntas, Quintiliano responde com

explicações e exemplos, deixando ao orador a possibilidade de utilizar os argumentos que lhe parecerem mais convenientes (§ 112).

Quanto aos lugares onde se origina o riso, há outra proposta (em três tópicos) que, entretanto, Quintiliano não recupera adiante (§ 37): o riso nasce ou da aparência do nosso adversário, ou do seu caráter (que se deduz a partir de suas ações e ditos), ou ainda de elementos externos. Deformidades são comuns, na causa do riso:

E Sarmiento comparou Méssio Cícirro a um cavalo selvagem. Baseia-se ainda em coisas inanimadas: Públio Blésio apelidou a um certo Júlio, homem negro, magro e encurvado, de fivela de ferro. Esse método de conseguir o riso é o mais comum atualmente (§ 58).

Quanto ao primeiro ponto, o risível evidente aos olhos (que oferece ao orador ocasiões menos numerosas), é dedicado somente o parágrafo 38; o segundo, a narração de um fato engraçado, ocupa maior extensão (§§ 39-44); o terceiro, o dito espirituoso, é na teoria de Quintiliano, o mais amplamente considerado (§§ 45-70). As formas enunciativas do risível (§§ 46-56), mais precisamente os vários tipos de anfibologia (§§ 46-52) e a alteração de nomes (§§ 53-56) são citadas.

112

Em seguida, são avaliados os ditos extraídos a partir da natureza das coisas (§§ 57-63), em particular a analogia (§§ 57-63), as dissemelhanças (§ 63) e os opostos (§ 64). A seção se fecha com o exame dos tipos de argumento (§§ 65-66), das figuras de estilo (§§ 67-69) e das figuras de pensamento (§ 70). Conforme Quintiliano, seria exaustivo demais citar todos os ditos jocosos dos antigos (§ 65) e nem sempre devem ser utilizados: “Mas como são muitos os pontos dos quais se extraem os ditos jocosos, devo repetir que nem todos eles são convenientes aos oradores; particularmente, nem por ambiguidade são admissíveis aquelas obscenidades, que os atelanos têm o costume de criar (§ 46)”.

Entre os parágrafos 71 e 100, encontramos finalmente desenvolvida a tripla classificação anunciada já no parágrafo 23 (o riso é extraído ou de outros, ou de nós mesmos ou de coisas cotidianas). Em primeiro lugar são apresentadas as várias maneiras de extrair o riso a partir dos outros acontecimentos históricos. Para Miotti (2010, p. 36),

O fundamento ciceroniano de que as fontes dos pensamentos graves e sérios são as mesmas do risível é retomado e ampliado por Quintiliano, que apresenta formalmente neste trecho, como parte da teoria sobre o riso, o elemento do embuste. Esse fingimento, ali, marca a diferença entre o emprego sério e o emprego jocoso das mesmas palavras, distingue os tolos dos homens refinados e se configura como atributo essencial do risível. Com a declaração de que são infinitas as formas de enunciar o risível (bem como as formas de enunciar o sério), conclui-se o tratamento específico do fenômeno do riso.

Quintiliano deixa a discussão acerca do riso para o livro VI, que trata da peroração. Abordando as paixões que devem ser suscitadas no júri especialmente na última parte do discurso, Quintiliano parece inserir o riso nos domínios da peroração por tê-lo como um dos últimos recursos eficazes para ganhar uma causa. Durante todo o sexto livro, o autor busca delimitar, definir, organizar e exemplificar as sutilezas da recriação racional e planejada das paixões por parte do orador.

Os afetos e o riso (capítulos dois e três) são, para Quintiliano, os dois aspectos mais relevantes de uma peroração bem construída, já que os sentimentos despertados no espectador dominam o fórum. Além disso, a peroração é a última parte do discurso, a última oportunidade para ganhar a simpatia da opinião pública, assegurando seu êxito frente ao auditório. Apesar disso, durante todo o capítulo, o que Quintiliano procura fazer é construir um conjunto de premissas que conduzam o orador a um uso calculado e elegante do humor (MIOTTI, 2010, p. 37).

A *urbanitas*

Em *De risu*, o gênero do riso é a *urbanitas*, tomada tanto dos conjuntos quanto dos gêneros de ditos ridículos. Quintiliano não indica diretamente gêneros de urbanidade. A nomenclatura *genera urbanitatis* é estabelecida por Ivan Marques Júnior (2008, p. 15), a fim de indicar um nome aos gêneros de ridículo em *De risu*. Sobre o conceito de *urbanitas*, note-se o que dizem os autores William Fortenbaugh e David C. Mirhady (1994, p. 10):

In rhetorical treatises the word corresponds to the Greek *asteismos* and is always closely connected with laughter and amusing expressions. Therefore, as we shall see (§ 8), Quintilian can vituperate Domitius Marsus for incorporating serious expressions in his notion of *urbanitas*. But *urbanitas* is never classified as a trope.

Ao discutir o conceito de riso, o termo *urbanitas* é frequentemente usado por Quintiliano, conforme notam os autores supracitados (1994, p. 11). A ligação de *urbanitas* a riso e ao refinamento do humor é evidente. A concepção de *urbanitas* é um atendimento ao conceito humorístico em Roma que começa a tomar corpo na época de Cícero. O termo repete-se em *De risu* em contextos em que o autor discute sobre definições e gêneros exemplos do riso oratório: “A sentença espirituosa (*urbanitas*) é rara na oratória; não dispõe de método próprio, mas é preciso que se adapte às regras da retórica” (§14).

A citação da definição de *urbanitas*, de Domício Marso, aparece nos parágrafos finais de *De risu* (MARQUES JÚNIOR, 2008, p. 16). Quase como um apêndice do capítulo, a discussão sobre o tratado *De urbanitate* de Domício Marso ocupa os dez parágrafos finais (§§ 102-112). É discutida a sua definição de *urbanitas* e a de *urbanus* atribuída por ele a Catão (§§ 104-106), a qual se contrapõe à definição de Quintiliano (§ 107): “Domício Marso, que escreveu com muita habilidade sobre o humor, a essas acrescentou algumas não provocadoras de hilaridade, mas ditas com elegância e adequadas a qualquer discurso, por sério que seja, e agradáveis devido a um encanto próprio; são joviais, mas levam ao

riso (§ 102).” A definição de urbanidade, para Marso, e segundo Quintiliano, é, de todo o modo, aplicável à eloquência do discurso:

E lhe dá a seguinte definição: *Urbanidade é uma certa qualidade, sintetizada numa breve expressão e apta para divertir e levar os homens a todas as emoções do espírito, principalmente adequada para resistir ou provocar, conforme o exigir qualquer circunstância ou pessoa (...)*. De fato, se gira em torno de coisas e pessoas, uma vez que em ambos os casos é necessário que se pronuncie, refere-se à eloquência perfeita (§ 104).

À distinção que faz Marso dos ditos urbanos em sérios, risíveis e intermediários (§ 106), acrescenta-se a subdivisão do elemento sério em outros três gêneros: honorífico, afrontoso e intermediário, com exemplos fornecidos pelo próprio autor (§§ 108-109). Também nesse ponto Quintiliano não compartilha da mesma opinião de Domicio Marso e define os ditos que, no seu entender, deveriam ser considerados urbanos (MIOTTI, 2010, p. 36-37). Existem similaridades entre a teoria de Marso, citada por Quintiliano, e as ideias de Aristóteles. Tanto Marso quanto Aristóteles preferem ditos curtos, mas Marso defende aqueles que provoquem riso, algo não mencionado por Aristóteles (FORTENBAUGH; MIRHADY, 1994, p. 11).

O capítulo se encerra quando Quintiliano oferece ao leitor a liberdade de julgar as informações reunidas ali e adotar aquelas que lhe soarem mais convincentes (§§ 110-112): “Não me pareceu conveniente deixar de lado essas considerações que levam ao riso; se nelas tenho errado, no entanto não decepcionei os leitores através da indicação de opiniões diferentes; seguir a umas ou a outras é de livre escolha de quem as aprecia” (§ 112).

Consideração finais

Os tratadistas e filósofos da Antiguidade mostram uma preocupação em distinguir a comicidade decorosa daquela que não o é. Desde Platão, com seus

esforços para que o riso adquirisse uma função pedagógica, até às considerações de Aristóteles e Cícero. O benefício retórico dos efeitos cômicos do discurso parece suscitar aos autores que traçam uma fronteira entre o humor e a indecência, ou a prevaricação dos limites do humor. Na Retórica, o riso faz parte da emotividade, *ethos* e *pathos* conjugados, e pode utilizar-se com diversos fins, como contribuir para uma boa imagem do orador, melhorar o discurso, defender-se de ataques, saber atacar o opositor e persuadir. O riso pode, assim, ser utilizado em quase todos os níveis retóricos, tais como a *inventio*, com a eleição de tópicos ou enredos adequados; na *elocutio*, com figuras retóricas risíveis; na *actio*, com gestos e imposição de voz (RUIZ, 2015, p. 31-32). Uma vez que os tratadistas recomendam ater-se aos limites éticos e práticos com a finalidade de não perder a dignidade, o uso moderado é a recomendação que norteia o *De risu*, de Quintiliano.

A obra de Cícero, *De oratore* (livro II) é, sem dúvida, a obra a que mais Quintiliano faz alusão, no capítulo 3 do livro VI. Quintiliano defende a habilidade de provocar o riso, mas valorizando questões caras ao orador, como a habilidade retórica e os valores morais (§ 83). A retórica inclui a estratégia do riso na empreitada de ser útil ao orador e agradável ao público. Esse humor oratório conserva uma característica particular, para Quintiliano: o próprio orador não ri (o simples fato de não rir da própria piada contribui para que suas palavras sejam risíveis, cf. § 26), ele provoca o riso de modo calculado e permanece sério. Cícero parece concordar, ainda que reconheça que, internamente, o orador possa achar risível a situação (MIOTTI, 2010, p. 39).

A intenção didática da obra *Instituição Oratória* é evidente no capítulo 3 do livro VI: suscitar o riso deveria ser objeto de ensinamento por parte dos mestres de retórica, já que o assunto é de elevada dificuldade e até aquele momento não tinha recebido atenção específica nem tratamento sistemático (§§ 15-16). Pode-se entrever, a partir da estrutura da exposição de Quintiliano, uma tentativa de organizar didaticamente a teoria sobre o assunto antes de

especificar as técnicas aconselháveis (ou não) para a prática oratória. Para além disso, a sua admiração por Cícero é intrínseca à sua própria obra. Nos esteios do riso ciceroniano, Quintiliano leva mais longe a conceituação sobre a importância do riso na Oratória. A sua desconfiança em relação ao fenómeno se ancora nas mudanças históricas do mundo romano, em que o riso foi sendo cada vez mais fruto de questionamentos pela parte do poder político.

Referências

ALBERTI, Verena. O riso, as paixões e as faculdades da alma. *Textos de História: Revista da Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília*, Brasília, v. 3, n. 1, p. 5-25, 1995.

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ARISTÓTELES. *Poética*. Edição, tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017.

ARISTÓTELES. Retórica. In: COLEÇÃO obras completas de Aristóteles. Coordenação de António Mesquita. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 14 v. 3 l.

ARISTÓTELES. *Partes dos animais*. Tradução de Maria de Fátima de Sousa e Silva e consultoria científica de Lucas Angioni. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa; Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.

FORTENBAUGH, William; MIRHADY, David C. (Ed.). *Peripatetic Rhetoric after Aristotle*. Rutgers University Studies of Classical Humanities. New Brunswick; London: Transaction, 1994.

FREITAS, Eduardo da Silva de. Cícero e o orador: comentários sobre o *De oratore*. In: ANAIS do XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2014. p. 233-250.

MARQUES JÚNIOR, Ivan Neves. *O riso segundo Cícero e Quintiliano. Tradução e comentários de De oratore, livro II, 216-291 (De ridiculis), e da Institutio Oratoria, livro VI, 3 (De risu)*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de

Pós-graduação em Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução de Maria Helena Ortiz Assumpção. São Paulo: Unesp, 2003.

MIOTTI, Charlene Martins. *Ridentem dicere vervm: o humor retórico de Quintiliano e seu diálogo com Cícero, Catulo e Horácio*. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ORDÓÑEZ ROIG, Vicente. El lugar de la tragedia y la comedia en el estado platónico. *Revista internacional de Filosofía*, n. 55, p. 143-156, 2012.

PEIXOTO, Juliana. Sobre o riso em Aristóteles. *Argumentos*, Fortaleza, v. 6, n. 12, p. 104-113, 2014.

PLATÃO. *Diálogos: Parmênides e Filebo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1974. v. 8.

PLATÃO. *Górgias*. Tradução de Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Perspectiva, 2014. v. 2.

QUINTILIANO. *Instituição oratória. Institutio oratoria*. Edição em latim e português. Tradução, apresentação e notas de Bruno Fregni Bassetto. São Paulo: Unicamp, 2015. 4 t. t. I e II, I VI.

RETÓRICA a Herênio. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

RUIZ, Eduardo Santiago. Retórica de la risa em la Antigüedad: de Gorgias a Quintiliano. *Revista Destiempos*, Iztapalapa, n. 44, p. 7-33, abr-maio 2015.

SCATOLIN, Adriano. Cícero, *Do orador*. 1.1-23. *Translatio*, Porto Alegre, n. 12, p. 174-182, dez. 2016.

Recebido em: 31 de julho de 2019
Aprovado em: 20 de dezembro de 2019